Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3451unse

no XXXIV – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Junho de 1958 – N. 5

# Revista Internacional do Espiritismo

LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

## SUMÁRIO


| | |
|---|---|
| Religião do Presente . . . . . | *Redação* |
| Ateismo e Reencarnação . . . . | *Ismael Gomes Braga* |
| Memórias de um Espírita Baiano . | *Leopoldo Machado* |
| E'cos do Congresso Espírita Internacional . . . . . | *Cicero Pimentel* |
| Ramatís e a Ciência . . . . . | *V. O. Casella* |
| 27 de Novembro . . . . . | *Ten. Cel. Duilio Lena Bérni* |
| Bodas de Ouro . . . . . | *1.º Tenente Alberto Lopes* |
| Coisas da Vida .. . . . . | *General Levino C. Wischral* |
| O Homem, Célula do Organismo Nacional . . . . . | *G. M. Minardi* |
| Ciência e Sabedoria . . . . . | *Luiz Caramaschi* |
| O Fim do Mundo . . . . . | *Antonio Domiciano* |
| Abrigo Jesus . . . . . | *Aleixo Victor Magaldi* |
| Os nossos irmãos irracionais . . . | *Renato Khel* |
| Crônica Estrangeira . . . | *Redação* |
| Conclusões e Recomendações do Congresso de Jornalistas . . . . . | *Irmão Saulo* |
| Espiritismo no Brasil . . . . | *Redação* |

# Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalípse», — Cairbar Schutel.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 66,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

---

# Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.ª edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

Á venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. $ 26,00, inclusive porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

# Uma Grande Vida

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA», um Verdadeiro Tesouro.

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 50,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

---

# Médiuns e Mediunidades

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, nova edição deste oportuno trabalho de Cairbar Schutel, que trata do desenvolvimento da mediunidade em todas as suas modalidades. E' um trabalho sintético e bem claro, os seus ensinos são de fácil compreensão, sendo indispensável aos estudiosos do psiquismo, principalmente aos médiuns e aos que desejam fazer trabalhos experimentais.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr$.20,00 e mais 6 cruzeiros para o porte e registro

ANO XXXIV — E. S. Paulo — Matão, 15 de Junho de 1958 — NUM. 5

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *A. Watson Campêlo* — REDATOR : *Italo Ferreira*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301—Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

## Religião do Presente

JESUS nunca afirmou que enviaria esta ou aquela religião em seu nome para continuar a pregar a sua Doutrina. Não deu nenhum nome, não fez qualquer referência a nenhuma das religiões que no momento se afirmam cristãs, tanto mais que a religião de Jesus chama-se — Cristianismo — que é a exposição da Lei de Deus. O que Jesus afirmou foi que enviaria o Paracleto, o Espírito Consolador, cuja missão seria relembrar o que Êle disse e ensinar tôdas as coisas, as coisas que Êle não disse, porque a humanidade do seu tempo não estava em condições de compreender.

Jesus deixou êste mundo há quase dois mil anos, tempo suficiente para Êle cumprir a sua Promessa. Portanto o Paracleto deve estar no mundo. Mas aonde está êle ? Estará porventura oculto ? Não, o Paracleto está bem visível, todos o podem ver com os olhos da razão, da lógica, do raciocínio e através dos fatos, o que é ainda mais importante, dos fatos comprobativos da sobrevivência individual, das curas e dos fenômenos espíritas que constantemente enriquecem os anais espíritas, agora mais intensamente através da Imprensa e do Rádio, tanto mais que chegaram os tempos em que a luz da Verdade está sendo posta sôbre o velador das consciências, afim de que todos vejam os retos caminhos de Deus.

O Paracleto ou Espírito Consolador está representado no Espiritismo. É sob a sua égide que a humanidade está tomando o caminho do verdadeiro Cristianismo, que as religiões do mundo deturparam de acôrdo com os seus interêsses pessoais e materiais. É sob a sua égide que os maus se convertem em almas de luz. É através dos seus ensinos que têm por base o Evangelho de Jesus e os fenômenos espíritas comprobativos da Imortalidade da Alma, que a luz da fé e da esperança se acende nas almas que buscam realmente a Deus, nosso Pai Celestial. É sob o seu amparo que as criaturas encontram coragem e fôrças para suportarem, com resignação e humildade, o pêso dos seus sofrimentos, certas de que marcham diretamente para a conquista do reino dos céus, que é sinônimo de felicidade simpeterna.

Como Paracleto da Promessa, o Espiritismo não só ilumina e conforta as almas, como também multiplica pães e peixes e opera curas a exemplo de Jesus. E os espíritas foram contemplados com esta santa tarefa, a qual estão cumprindo à risca, sem medir sacrifícios. Hospitais ou Sanatórios, lares infantis, lares dos velhos desamparados, creches, escolas estão espalhados por todo o país, numa ajuda decidida aos poderes governamentais, que também não regateiam o seu auxílio às obras espíritas de assistência social.

Como vemos, o Espiritismo, pelo seu gigantesco trabalho de iluminar e

amparar as criaturas em tôdas as suas necessidades, tem a seu favor testemunhos irrecusáveis que o apontam como o Paracleto da Promessa de Jesus.

E à medida que o tempo avança, mais concreta e positiva se apresenta esta afirmativa: as obras espíritas de assistência social e de iluminação interior, trabalho de encarnados e desencarnados, se multiplicam como os pães e os peixes multiplicados por Jesus, ao mesmo passo em que os Espíritos, através de médiuns insuspeitos, multiplicam, para a humanidade, as Graças de Deus através de mensagens de luz, de esperança e de fé.

Ainda há pouco diziamos que o Espiritismo é a religião do futuro.

Mas, com o progresso notável desta bendita Doutrina em tôdas as camadas sociais, podemos afirmar que o Espiritismo é também a Religião do Presente.

—

# Ateismo e Reencarnação

Ismael Gomes Braga

PARA o infeliz descrente, a criação é o caos, a fatalidade guiada por fôrças cegas e irresponsáveis: aquí é o cego de nascença, ali o surdo-mudo, mais além o cretino, acolá o enfêrmo abandonado, o bom oprimido e esmagado pelo mau, a mulher seduzida e abandonada, a criança faminta no tugúrio miserável ou nas portas das igrejas, o medo nos corações, o desespêro nos espíritos, a justiça a favor do mais forte, o desemprêgo forçado, as doenças incuráveis, os males inatos, as calamidades coletivas, a calúnia, o ódio, a perseguição, todo um infinito de dôres e no fim a morte dolorosa e a podridão.

Se volve os olhos ao passado, encontra males ainda mais tétricos: a escravidão do vencido e sua prole, crianças lindas que nascem escravas e são objeto de compra e venda desde o berço; o fanatismo religioso apedrejando, levando à masmorra escura, ao cavalete da tortura, à fogueira pública as pobres criaturas indefesas; a onipotência dos senhores de cutelo e baraço e as massas degradadas de famintos nus, sem nenhum direito.

Contemplando a vida em nosso mundo de expiações e de provas, o homem caiu no ateismo. Tudo lhe fala de dôres e fôrças cegas, das quais se sente êle joguete impotente, com a única perspectiva da morte e do nada. Nascer na dor, viver na dor, morrer na dor, reduzir-se a um pouco de pó, eis tudo que lhe aparece diante dos olhos estarrecidos.

Não crê, porque não pode; independe da sua vontade a crença, diante dos fatos que lhe parecem realidades eternas; sua filosofia se formou na observação do mal por tôda a parte, no mundo e nos corações. É ateu por uma fatalidade mesológica e seu ateismo lhe cria o inferno mental de desespêro. Se busca um consôlo na religião ortodoxa, nas Igrejas, estas lhe apresentam ainda a perspectiva dum inferno eterno, como punição pela sua descrença.

Como salvá-lo?

Levantando-lhe o véu que oculta o passado, que lhe revela as causas determinantes do presente. Somos os endividados com a Lei. Já vivemos milhares de vêzes e criamos nosso presente, assim como hoje estamos criando nosso futuro. Mudemos o ângulo de observação. Contemplemos com outros olhos a vida e veremos a Justiça misericordiosa trabalhando para nos salvar. Contemplemos a vida na Natureza.

A sementinha fecundada é o germe da planta que há de surgir. O organismo maravilhoso de um inseto foi sàbiamente planejado para determinadas finalidades e as alcança na evolução. O magnetismo que atrai entre si os sêres para a reprodução é o poema do amor. O funcionamento conjugado de todos os órgãos de nosso corpo revela um planejamento encantador. O movimento dos astros em tôrno de seus centros, sua evolução, seu destino, seu progresso e

transformações através de milhões de séculos nos revelam uma Inteligência, uma Energia, uma Sabedoria pasmosas.

A evolução da Humanidade, desde a vida primitiva nas cavernas, nas palafitas das populações lacustres, nas tendas pastoris até à cidade moderna; o crescimento de nossa aspiração ao bom, ao belo, ao justo, ao amor, tudo nos revela um Plano Superior que nos conduz pacientemente para formas mais felizes, mais inteligentes, mais espirituais.

Longe de caos e fôrças cegas, tudo é dirigido por uma Inteligência Sublime, por uma Vontade Invencível, por uma Misericórdia Imensa, por um Amor Universal.

Para compreendê-lo, porém, não basta contemplar um quadro único do longo filme da Vida. Uma parte muito longa dêsse filme jaz nas sombras do passado que engendrou o presente, e outra parte infinitamente maior ainda está no Porvir, nas mãos do Arquiteto Sublime que não descura o mais ínfimo inseto nem as mais grandiosas constelações. Para penetrar os arcanos da criação, é indispensável compreender a nossa própria formação, lenta, paciente, através de milhões de anos, durante os quais usamos e abusamos de nosso livre arbítrio, praticamos as mais insensatas leviandades. Só pelo estudo da Reencarnação começamos a sentir a grandiosidade do Plano Divino para a Salvação Universal e a nos curvarmos reverentes diante da Eterna Sabedoria do Criador.

A irresponsabilidade com que as Igrejas negam a reencarnação, lançando a pobre criatura humana nos abismos da incompreensão, da negação, do ateismo, é crime maior do que podem hoje compreender os líderes religiosos dogmáticos.

A tentativa louca de conservar eternamente inalteradas suas instituições e doutrinas, já condenadas pelo progresso, cria-lhes uma situação tão triste para o porvir, como no passado suas condenações de verdades das ciências naturais: movimentos da Terra, existência de antípodas etc.

Cumpre às Igrejas estudar a Reencarnação e ensiná-la como chave de tantos mistérios que já não têm razão de ser.

O Ateismo é filho da ignorância teológica e desaparecerá quando o homem conhecer a Verdade da Vida eterna.

# Memórias de um Espírita Baiano

## LEOPOLDO MACHADO

### (Coligidas por Leopoldina Machado B. de Barros)

### CAPÍTULO XXX

1 — Vim, repito, em 1921, para o Rio, com o fim de firmar, definitivamente, minha situação financeira na Bahia. «O homem põe e Deus dispõe»: não voltei para a minha terra.

2 — Trouxe muitas cartas de recomendação para a capital do país, que firmariam, estava eu certo, ótima situação comercial na boa terra. Falharam tôdas.

3 — Procurei o Manoel Quintão, a *Federação Espírita Brasileira*, redação do *Reformador* em que, ainda na Bahia, publicara alguns versinhos.

4 — Certo dia, conversando no alto da escada, com o Quintão, surge-nos um môço alto, simpático, a quem o Quintão me apresenta: «Leopoldo Machado, amigo da Bahia, que pretende ficar conosco». Apresenta-me, depois o môço: «Amaral Ornellas...» Não concluíu: eu e o Amaral Ornellas caimos nos braços um do outro... Velhos amigos de existências pretéritas que se reencontravam...

5 — Conheci, neste mesmo dia, Carlos Imbassahy, do «*Leviana*». Mas, para surprêsa minha, não era mais aquêle Imbassahy hóstil ao Espiritismo, que eu conhecera através de cartas... Era o Imbassahy espírita, que seria, no futuro, o mais fulgurante polemista que a terceira revelação teria na Terra de Santa Cruz!

6 — Quintão continuava, sempre amigo, procurando me ambientar no meio espírita do Rio. Apresentou-me ao Frederico Figner, seu chefe, dono da *Casa Edson*. Com a mesma indiferença que me tratou quando o conheci em Salva-

dor, de sua passagem para Belém do Pará, tratou-me novamente: um «muito prazer» entre dentes, dando-me, indelicadamente, as costas... Velhos inimigos de existências pretéritas, que se reencontravam. Talvez...

7 — Conhecí, também, Fernando Coelho que secretariava, na época, o *Reformador*. Secretariou-o por pouco tempo. Tive a tristeza, depois, de encontrá-lo em péssima roda, quase materialista.

8 — Comecei a desanimar, já que não encontrava nenhuma colocação, após o fracasso das cartas.

9 — Andava neste desânimo quando encontrei Nelson Duarte, velho amigo que conhecera na casa do Petitinga. Alma tão franca e simples que, certa feita, na Bahia, entregou-me a casa para uma festa que durou três dias. Arranjara eu, para ela, um piano emprestado, pianista, convidados, tudo... Foram três dias de alegrias sãs, na Ladeira da Barra, ao lado do Nelson, espôsa e filhinhos: dansas, modinhas, declamações, brincadeiras de salão, etc...

10 — Nelson apresentou-me a Leopoldo Cirne, potiguar como êle. Cirne era muito feio, com seu nariz recurvado... Ficamos logo muito amigos. Êle tinha muita piedade de mim e envidava todos os esforços para me auxiliar.

11 — Certo dia em que eu não tinha niquel para fazer, siquer, uma refeição simples, Cirne deu-me dez mil réis, com estas palavras: «Não lhe dou mais porque não tenho. Estou com a vida atrapalhadíssima por ter publicado *Doutrina e Prática do Espiritismo*.

12 — Deu-me, então, uma carta para o seu amigo Francisco Paim Pamplona, Almirante, dono de um colégio no Meyer.

13 — Conversando sôbre o fato com Quintão, êste deu-me, também, uma carta para o Almirante; além de telefonar a meu respeito. Eram amigos.

14 — Procurei-o em sua residência, lá para os lados de S. Francisco Xavier. Anoitecia. Recebeu-me na sua sala de jantar, com aquêle seu modo bom, simples e inesquecível, de que tenho, até hoje, tantas saudades...

15 — Disse-me que tinha um colégio pequeno, no Meyer, mas que pretendia lhe dar nova séde, em Todos os Santos, onde também ia residir com a família. Deu-me o enderêço do colégio e, no dia seguinte, à hora marcada por êle, eu lá estava.

16 — A casa onde funcionava a escola era, realmente, pequena. Perto da *Light*, na entrada do Meyer, para quem vem do Engelho Novo. Falou-me do seu secretário e chefe de disciplina, que fôra acidentado em um desastre de trem da Central de que era funcionário; do sargento Amaro que estava organizando a banda do estabelecimento e ficara a inspecionar os alunos na ausência do chefe acidentado... E só me apresentou, no dia, a um aluno, aliás um dos mais peraltas...

17 — Assumi, assim, a direção do *Colégio Nacional* que se transferiu, dias depois, para dois prédios recem-reformados entre Meyer e Todos os Santos, vizinhos à *Escola Pública Antonio Vieira*.

18 — No Colégio do Almirante Paim Pamplona, eu fui tudo: desde inspetor de alunos, como comecei, até vice-diretor. Fui num crescendo: professor de ginástica, professor de português, história e geografia nos cursos primário e secundário; chefe de disciplina com a orientação educacional; diretor técnico geral ou vice-diretor.

19 — Tive ocasião de travar conhecimento, de perto, com alguns tipos interessantes, que merecem destaque nestas memórias. Ei-los:

20 — O primeiro era um pretinho pernóstico, o João, arvorado a professor de datilografia, quando a verdadeira professôra da disciplina era a senhorita Nilza, filha do Almirante. Vendo-me dando tantas aulas, meteu-se, também, a dar umas de português a uns alunos particulares que arranjou. Um dia, notando-lhe um êrro grave de ortografia, procurei corrigir-lho, dizendo-lhe, delicadamente e, fazia-o por seu bem. «Corrija o seu *avô torto*», foi sua resposta abrupta.

20 — Dr. Herbert Romero era um dos professôres de português. Chegava, sempre, atrasado. Os alunos perdiam, diàriamente, quinze, vinte minutos de aula. Passei a dar, depois do término das aulas, outras extraordinárias para compensar os tais minutos. E os alunos gostavam demais das minhas aulas. E nunca recebi tostão por elas...

22 — O sargento Amaro não era amigo do Almirante. Sempre que apanhava qualquer pretexto, procurava falar mal dêste. Dizia-me, sempre, que não

queria ordenado: trabalhava por prazer. Mas estava, constantemente, em dificuldade, tomando dinheiro, continuadamente, ao Colégio. Saía, mensalmente, muito mais caro do que se tivesse ordenado...

23 — Dr. Sérgio foi outro tipo interessantíssimo. Dizia-se muito amigo meu. Abriu um curso na Praça da Bandeira e carregou-me com o Almirante para dar aulas no tal curso. Como víssemos que não falava em pagamento, afastamo-nos. Abriu, depois, uma agência de terrenos que não cheguei a conhecer.

24 — Brant Horta, escritor, também era professor de Inglês. Chegava diàriamente, atrasado. Era muito bondoso, muito tolerante, delicadíssimo. Professor, poeta, escritor e violeiro...

25 — Outra alma boníssima era Francisco Paixão, professor de francês. Abriu um colégio em Mar de Hespanha e deixou-nos, lamentando sua saída.

26 — Um seu irmão, poeta, andava desarvorado com a espôsa e filhos, todos desmetodizados. Em situação dificílima, conseguiu licença do Almirante para ficar uns dias, com seus filhos, no dormitório dos meninos, enquanto a espôsa se acomodava com as filhas do Almirante. Se não insistíssemos, sèriamente, não teriam mais saído de lá. Ainda se foram todos zangadíssimos com todos...

27 — Dilermando Cox, *gentleman* e diplomata, lecionava também inglês e mais desenho. Excelente caricaturista. Ainda possúo uma que fez, que exprime, òtimamente, meu temperamento irrequieto, absorvente, agitado: passo apressado, pena em punho, a sujar tudo de tinta, deixando cair da pasta que carrego um mundo de papeis: versos, contos, crítica, espiritismo, romance. História, Geografia, Português, Grêmio, Educação, etc. Jamais ninguém apanhou tão bem meu temperamento...

28 — O prof. Alfredo Paz, ex-diretor da Escola Normal de Barbacena era, incontestàvelmente, a figura mais simpática do colégio: para professôres, para alunos, para funcionários, para todos. Professor de Matemática, de uma paciência verdadeiramente notável. Delicado ao extremo.

29 — O prof. Jean Duclos, francês, era professor de sua língua. Cheio de esquisitices; espírita também. Fazia parte das reuniões que eram feitas, aos sábados, na casa do Almirante. Com êle, termina o grupo de professôres que conhecí, mais ìntimamente, no saudoso Colégio Nacional.

—

30 — Antes do educandário passar para os prédios novos, procedemos, com carinho, as arrumações. Eu passei a dormir em um dos prédios, pois já estavam entrando os móveis novos, além de outros objetos didáticos.

31 — Em uma noite de sábado, depois da reunião, preparei-me para dormir.

32 — Da reunião dêste sábado fizemos parte eu, Paim Pamplona, dr. João Eugênio Duque Estrada, dr. Albino Ururay, Prof. Duclos e uma senhora *médium*, cujo nome, agora, não me lembro.

33 — Manifestou-se um espírito, nestes têrmos: «Eu sou o Djalma. Tôda gente me conheceu aqui. Não sou de brincadeiras. Sou o dono destas propriedades. Ai daquêle que se meter a dono do que é meu... Coitado dêle...»

Sir Oliver Lodge, o físico mais eminente do mundo, ex-Reitor da Universidade de Birminghan, membro da Academia Real, autor de várias obras científicas, afirma — «Permitam que lhes transmita um pouco de confiança e diga da certeza que gradualmente se radicou em meu espírito, como resultado de provas obtidas num período de cêrca de 50 anos. Tôdas essas provas seguras e iniludíveis, me deram a convicção de que o mundo espiritual é uma grande realidade».

# Écos do Congresso Espírita Internacional

O congresso mundial realizado em setembro de 1957, em París, foi o maior acontecimento espìrita dêsse ano. De «La Revue Spirite» de jan. fev. 1958. pg. 25, transcrevemos uma parte da tese do dr. Tsinoukas, que trata do Espiritismo científico:

«Após a criação de cadeiras de Parapsicologia em certas Universidades, para o estudo dos fenômenos psíquicos paranormais e com o auxílio de Laboratórios de Hipnologia e de Eletrobiologia, recomenda-se, para o êxito da propaganda espírita, que as conferências sôbre Parapsicologia (Metapsíquica) sejam organizadas sistemàticamente, como as lições da Universidade, afim de melhor orientar a opinião pública quanto às finalidades da Metapsíquica, e não como está ocorrendo atualmente (predominância da parte filosófica); recomenda-se também que os conferencistas e os periódicos usem os termos clássicos da Metapsíquica, tais como: mêdium, clarividência, clariaudiência, materialização, etc. e que os novos têrmos propostos por R. Sudre sejam eliminados (por ex. Metagnomo, Metagnomia, Teleplasto, Teleplastia, prosopopese, ideoplastia), porque etimològicamente êles são impróprios, inexatos e sem valor científico».

O dr. Tsinoukas em sua importante tese aconselha ainda:

«Publicar-se sòmente os fenômenos espíritas que forem antecipadamente verificados e controlados, de modo que não possa haver contradição alguma.»

«Repetir e difundir as experiências do coronel de Rochas, de Lancellin, do dr. Baraduc, etc., sôbre os conponentes da alma humana, e as experiências do coronel de Rochas e do dr. Bernstein sôbre as vidas sucessivas.

Trabalhos como êsses, do dr. Tsinoukas, da Grecia ou do dr. K. Muller, da Suissa, que tratam da parte científica do Espiritismo, têm muita importância no nosso tempo, em que se valoriza mais a parte religiosa e filosófica da doutrina espírita. A famosa parafrase de Kardec: «O Espiritismo será científico ou não subsistirá». (R. S. citada p. 1 e 2) está mais viva do que nunca e deve ser respeitada e praticada de acôrdo com as leis científicas, e não empiricamente, como se faz nas falsas reuniões de materializações e de efeitos físicos, tão comuns em S. Paulo, Rio, etc.

**C. Pimentel.**

S. André, 25-4-58.

# Ramatís e a Ciência

## V

Para encerrarmos esta nossa série de trabalhos, demonstrando a negatividade do cientificismo ramatisiano, cuidaremos hoje de mais algumas questões, extraídas da obra Mensagens do Astral, a qual vem sendo considerada, pelos adeptos de Ramatís, como uma autêntica revelação mediúnica.

Iniciemos com um tópico da mensagem da página 97, onde se lê o seguinte: — «Os astrólogos criteriosos que quiserem se dar a um pouco de trabalho, poderão vos provar que as pesquisas e os êxitos, no campo atômico com a utilização do urânio e da composição do plutônio, realizaram-se justamente na época da INFLUÊNCIA DOS PLANÊTAS URANO E PLUTÃO, mesmo que por coincidência».

Ora, acreditamos que Ramatís esqueceu-se de consultar a posição dêsses planêtas, ou então êle não está a par das datas dêsses êxitos científicos.

Primeiramente, desejamos esclarecer que êsses sucessos da ciência no campo atômico, deram-se em sucessões, cujos êxitos notáveis marcaram diversas datas. No entanto, pelos conceitos astrológicos, essas datas não se estabeleceram sob as épocas da pretensa influência planetária. Os anuários astrológicos sempre indicam a influência do planêta Urano para o período de 20 de Janeiro a 19 de Fevereiro, de acôrdo com a marcha do Sol através

da constelação do Aquário, apesar que já fazem mais de 35 anos que êsse planêta está ausente dessa configuração estelar.

Mas os êxitos com o urânio atômico deram-se quase totalmente fora dêsse tempo, conforme passaremos a ver na lista que se segue.

Em 1896, em data da primeira quinzena de Janeiro (com alguma incerteza) Becquerel descobre a radioatividade do urânio.

Dezembro, de 1938, Hahns e Strassmann descobrem um fragmento, o bário, que se desprende do urânio.

Entre fins de Março e início de Abril, de 1939, Adler e Von Halban, na França, conseguem indicar o contrôle da cizão do urânio, em cadêia, pelo emprego do cádmio, como absorvente de neutrões lentos. Nesse mesmo ano, em período que vae do fim de Março até meados de Junho, Fermi verifica a emissão de neutrões secundários pelo urânio, através de bombardeios atômicos.

No início de 1940 (não temos a data precisa), A. O. Nier conseguiu separar todos os isótopos do urânio, para o livre bombardeio do U-235. Em Junho, ainda nesse ano, obtem-se na Noruéga a preciosa carga de água pesada, produto êste necessário para o sucesso da reação em cadêia do bombardeio do urânio.

Dezembro, de 1942, Fermi pôs a funcionar o primeiro forno urânico.

Em 1945, Julho, no deserto de Los Alamos, Novo México, explode a primeira bomba experimental de urânio. A seguir, em Agôsto, explode a primeira bomba de urânio sôbre objetivo de guerra, enlutando a humanidade, pela destruição de Hiroshima.

Ramatís, se estivesse a par dessas datas, talvez não teria ventilado êsse assunto, nada recomendável em favor da Astrologia, visto que êsses éxitos escaparam daquêle periodo, da suposta influência planetária, de 20 de Janeiro a 19 de Fevereiro.

Quanto ao plutônio, os astrólogos ainda não o incluiram em seus anuários o planêta de igual nome, recentemente descoberto, talvez por falta de vaga, entre as constelações zodiacais, da pretensa tábua planetária astrológica. Mas estamos de posse das datas dos éxitos atômicos com êsse elemento, para confronta-las com a época da suposta influência do planêta, Plutão, caso nos apontem êsse seu periodo de atividade.

Como vemos, também essa afirmativa, de Ramatís, não se sustenta diante dos fatos, desapontando os que confiam nas propaladas influências dos astros, apregoadas pelos astrólogos. Contudo, não nos admiramos se surgirem fórmulas elaboradas com números imaginários, e com arranjos de tôda espécie, em tentativas para salvar êsse fracasso astrológico da entidade.

Vejamos agora outro tópico, mais adiante, nessa mesma mensagem, onde se lê : — «...nós, espíritos desencarnados, temos constatado que o plutânio na realidade É ELEMENTO BÁSICAMENTE VIBRATÓRIO NA ASTRALIDADE DO PLANÊTA QUE LHE DEU O NOME.»

Ramatís, ao acusar a presença do plutônio na «atmosfera» do planeta de igual nome, pretendeu insinuar que essas denominações de átomos e planêtas, em paridade, obedecem a semelhança entre suas naturezas.

Mas a verdade é bem outra. Esses nomes de planêtas que se dão aos átomos é uma simples questão convencional por analogias, sem que se procure antes qualquer relação entre a natureza de um e outro.

Vamos em resumo historiar alguns dêsses fatos científicos, e vejamos como surgem essas nomeclaturas.

Foi em 1781 que Herschel descobriu um novo planêta, batisando-lhe pelo nome de Urano, que significa deusa do céu. Após 8 anos, Martin H. Klaproth, químico alemão, descobre um novo metal, dando-lhe o nome de urânium, o que revela a analogia intencional, com a nomeclatura do planêta de Herschel. Mas notemos bem que essa semelhança de nomes foi por pura vontade de seus descobridores, em nada se relacionando a natureza de ambos, (do metal e do planêta) cujos estudos analíticos nessa ocasião ainda não eram conhecidos.

Em 1846 e 1930 descobre-se mais dois planêtas, que os astrônomos lhes deram os nomes de Netuno e Plutão, seguindo o sistema de catalogar êsses astros com nomes de deuses mitológicos, sendo que o do último essa denominação mereceu essa preferência por conter as duas primeiras letras (P e L) do nome de seu descobridor, Perciwal Lowel.

Passado alguns anos dêsses sucessos

da Astronomia, os pesquisadores descobrem mais dois novos átomos, que passaram a ocupar os dois lugares seguintes, depois do urânio atômico, na tabela dos elementos.

Ora; como se chamaram os dois últimos planêtas descobertos depois do Urano?

Netuno e Plutão.

Logo, por analogia, os pesquisadores seguindo a mesma norma anterior de nomeclaturas, deram êsses mesmos nomes aos dois novos elementos transurânicos, cujos átomos passaram a se chamar netúnio e plutônio.

E aquí repetimos: Essa igualdade de nomes surgiram sem qualquer relação sôbre a natureza dêsses astros e átomos. E os astrólogos não são chamados para interferirem nesses assuntos.

Mas é interessante que outros elementos atômicos continuaram a ser descobertos, não acontecendo o mesmo com os planêtas, permanecendo Plutão como o último da escala planetária.

E os novos átomos continuaram a ser catalogados com denominações convencionais que agora, em homenagem, representam nomes de célebres sábios, cuja lista, a partir do urânio, segue mais abaixo, encerrando esta parte.

Note o leitor que os números, atômico e de massa, que os acompanham revelam a natureza individual de cada elemento. Os nomes, conforme já dissemos antes, são apenas para catalogação.

| *Número Atômico* | *Número de Massa* | *Nome do elemento* |
|---|---|---|
| *92* | *238* | *Urânio (nome tirado do planêta Urano)* |
| *93* | *239* | *Netúnio ( » » » » Netuno)* |
| *94* | *239* | *Plutônio ( » » » » Plutão)* |
| *95* | *241* | *Americio* |
| *96* | *242* | *Cúrio (do casal Cúrie)* |
| *97* | *243* | *Berkélio (de Henri Becquerel)* |
| *98* | *244* | *Califórnio* |
| *99* | *255* | *Einsteiniano (de Albert Einstein)* |
| *100* | *255* | *Férmio (de Enrico Férmi)* |
| *101* | *256* | *Mendelévio (de Demitri I. Mendeleeff)* |
| *102* | *?* | *Nobéliun (de Alfredo Nobel)* |

Lamentamos mais uma vez não nos ter sido possível explicações mais acessíveis, pois a natureza dêsse assunto, além de complexa, não é pùblicamente vulgarizada.

Continuemos ainda, e procuremos agora questões mais simples, como último remate dos nossos trabalhos.

Ramatís, não poucas vêzes, no discorrer de sua obra, Mensagens do Astral, enaltece o grau de adiantamento de uma suposta humanidade nos planêtas Marte, Júpiter e Saturno, atribuindo a êstes sêres elevada espiritualidade. Aos marcianos, êle dedicou tôda uma obra denominada «A Vida no Planêta Marte e os Discos Voadores», onde encontramos os mais altos elogios a essa humanidade que êle diz ser de elevada evolução.

Aos leitores, que desconhecem suas obras, oferecemos apenas dois tópicos do seu Mensagens do Astral, para avaliarem os conceitos da entidade sôbre os seus supostos habitantes dêsses planêtas. Na página 66 lê-se: — «A Terra ainda é um planêta jovem, que mal se prepara para os admiráveis eventos do futuro, quando oferecerá as mesmas alegrias de Marte, de Júpiter e Saturno que atualmente são júbilos para as suas humanidades.» — na página 322: — «E' porisso que na própria conjunção de Marte, Júpiter e Saturno, que a vossa ciência substima, por desconhecer o verdadeiro fenômeno oculto, os Arcanjos Planetários daqueles orbes trocavam entre si soberbos potenciais, aliados às correntes espiritualizadas de suas HUMANIDADES EVOLUÍDAS...»

Já, em outra mensagem, dessa mesma obra, a entidade, com poucas palavras, mas inconfundíveis, vem desfazer todo êsse seu trabalho elogioso aos supostos habitantes daqueles três planêtas ao afirmar, na página 279, o seguinte: — «Quando os vossos astrônomos assinalarem orbes habitados e INCLINADOS EM SEUS EIXOS, ou variando sùbitamente em suas rotas, podeis considerá-los como embarcações planetárias transportando CARGA INFERIOR E SOB DIS-

CIPLINA DA PALMATÓRIA do tempo dos seus avoengos».

Conforme se lê nesse tópico, Ramatís é claro em considerar que a inclinação do eixo de um planêta revela a qualidade inferior de seus habitantes. Neste caso, como se explica então o seu outro conceito sôbre o alto nível evolutivo dos marcianos, jupiterianos e saturninos, se os seus planêtas são de eixos inclinados?

Vejamos o grau de suas inclinações, e veremos as diferenças em relação à Terra, cujos dados extrairamos do Anuário Astronômico de 1954, da A A A de S. Paulo.

Terra 23,5°
Marte 25,2°
Júpiter 3,1°
Saturno 26,8°

Agora, aquí, pelo que diz Ramatís, nós terrestres já estamos em superioridade sôbre o grau evolutivo dos supostos habitantes de Marte e Saturno, sendo que os de Júpiter, embora melhores, ainda não estão isentos de mazelas.

E assim, a entidade, de um lado enaltecendo a superioridade dos habitantes daqueles três planêtas, e de outro os acusando de inferiores pela inclinação de seus orbes, veio criar mais um quebra-cabeça para os seus advogados esclarecerem.

Interessante que Ramatís, com tôda essa sua fragilidade contraditória, revelando-se completamente sem credenciais em assuntos de ciência, ainda se arroga em crítico dos nossos cientistas, procurando expor ao ridículo, o nome do célebre Flamarion.

Vejamos o que a entidade diz na página 233, da mesma obra, de que estamos cuidando: — «Entretanto, essa ciência que invocais foi quem, com a sua «precisão e coerência» assustou o mundo em 1910, quando do retôrno habitual do cometa de Halley...» — e mais adiante — «...foram os próprios astrônomos, entre os quais se destacavam nomes famosos como Flamarion, Deslandres, abade Moreux e outros que afirmavam a própria destruição da Terra, pela cauda deletéria do famoso cometa».

Ramatís, como autêntico desconhecedor de assuntos científicos, não possue autoridade para declarações dessa natureza. E faltou-lhe ética informativa por não ter apontado onde se acham êsses alarmas daquele saudoso astrônomo. Estranhamos êsses fatos porque o cometa de Halley já vem sendo estudado e observado desde outras suas aparições, cujo comportamento, sem qualquer perigo, de há muito já se acha nos informes dos nossos registros astronômicos. E nem se poderia temer a sua cauda, pois os nossos pesquisadores já sabiam que a Terra, em 30 de Junho de 1861, passara por uma dessas experiências ao ficar durante 4 horas mergulhada na cauda de um cometa, sem nada acontecer para a humanidade.

Ramatís, com essas repetidas atitudes, mostrou-se precipitado e desatencioso, interpretando mal as suas fontes de informes, expondo conceitos vulneráveis pela sua incoerência, conforme temos demonstrado. E se desejassemos prosseguir, as suas mensagens ainda nos oferecem farto material, sendo rica em pequenas questões como estas duas amostras que se seguem, para fêcho desta última série. Nas páginas 90 e 133, ainda no seu Mensagens do Astral, lê-se: — «Marte, o planêta mais próximo...» — «A alquimia dos antigos fazedores de ouro...»

Mas na realidade, o planêta mais próximo da Terra é Vênus, e gostariamos de saber quando os alquimistas conseguiram fazer ouro.

E é assim que a bibliotéca espírita tem sofrido a invasão de obras estranhas, que não se adaptam às verdades do kardecismo. A de Ramatís não é a única, embora sòmente ela se projetasse no cenário com sensacionalismo, ameaçando o prestígio da doutrina.

Doravante, nós kardecistas, deveremos estar mais vigilantes, não permitindo que conceitos sem afinidade com o Espiritismo envolvam êste nome, em detrimento dos nossos postulados de religião, filosofia e ciência.

E aquí damos por encerrada essa série de trabalhos sôbre as mensagens da entidade, e rogamos aos adeptos de Ramatís que nos relevem se algumas vêzes nos excedemos em alguns pontos, pois no fragor do ânimo nem sempre nos comportamos como se deseja.

A Ramatís, que se revela de bons propósitos, mas que mostrou insuficiência para complementar Kardec, lamentamos a sua infelicidade, especialmente no campo científico, causando-nos pesar a elaboração do nosso libelo, em favor da verdade.

Mas acreditamos que em outro futuro, com melhor preparo, despido de su-

perstições, ainda poderá voltar para receber os méritos que desta vez não lhe couberam no sêio da nossa doutrina de amor, justiça e verdade.

**V. O. Casella.**

Caixa Postal 153 — Araraquara
Est. de S. Paulo

N. do A. — *Obras consultadas em tôdas as séries dêsses trabalhos: — O Átomo, de J. J. Andrade dos Santos. O Romance da Física, de George Russel Harrison. História da Ciência, de David Dietz. O Sol e os Plonêtas, de Rômulo Argentiere, e Suplemento Especial nº 1, de Ciência Popular, por Ary Maurel Lobo.*

*Os conceitos astrológicos tomamos por base o Almanaque d'O Pensamento, de 1957, e outras publicações avulsas.*

# 27 de Novembro

*Alocução proferida pelo Ten. Cel. Duilio Lena Bérni, a 27 de Novembro de 1957, em nome da Guarnição Militar de Campo Grande, precedendo missa campal mandada rezar pelo Exmo. Sr. General Nilo Horácio de Oliveira Sucupira, Comandante da 9.ª Região Militar, por alma das vítimas da intentona comunista.*

Dando prova de grande coragem moral e de suas sólidas convicções, o Ten. Cel. Duilio Lena Bérni, nosso distinto confrade, falando em reunião cívico-religiosa, produziu bela peça oratória, levando, com a sua palavra, a interpretação espírita, dos fatos e das lutas sociais, àquele meio ambiente, indubitavelmente adverso.

E, assim, após historiar o movimento comunista de 27 de novembro de 1935, desfechado em vários pontos do Brasil, e de tecer em tôrno dêle criteriosas considerações, rendendo homenagem aos que tombaram na tragédia, em defesa das instituições vigentes, prosseguiu:

«Estas homenagens, que anualmente são prestadas às vítimas da intentona comunista, além da finalidade precípua de exaltar os soldados da ordem e da lei, têm o objetivo de alertar as gerações novas e os corações bem formados, contra o canto de sereia de ideologias exóticas, não compatíveis com nossa formação histórica, nossa cultura e nossas religiões, alicerçadas tôdas na sublime doutrina de amor, de renúncia e de perdão, de Jesus, o Cristo de Deus.

Em verdade, tôdas as religiões adotadas pelos brasileiros desaprovam os atos de traição e de violência, bem como essa corrida desenfreada para a conquista do poder à viva fôrça e para a posse dos bens perecíveis e transitórios, a qualquer título, sejam quais forem os meios empregados.

Cumpre estejamos constantemente de sobreaviso contra teorias utópicas que pretendem o nivelamento das riquezas, não trepidando diante dos meios empregados, nem mesmo do assassinato premeditado e frio.

Não é boa a àrvore que dá maus frutos. Não devem, pois, merecer guarida em nossos corações idéias que frutificam desordem, destruição e terror. Ao demais, é princípio de observação quotidiana, que cada um colhe o que semeia. Como poderemos pretender colher ordem e progresso, tranquilidade e paz, se semeamos a confusão, o desassocego e a deslealdade?

Ouçamos, a propósito, pequeno trecho de Allan Kardec, o eminente pensador do século XIX, perenemente oportuno:

«Por que não são igualmente ricos todos os homens? Não o são por uma razão muito simples: por não serem igualmente inteligentes, ativos e laboriosos para adquirir, nem sóbrios e previdentes para conservar. É, aliás, ponto matemàticamente demonstrado que a riqueza repartida com igualdade, a cada um daria uma parcela mínima e insuficiente; que, supondo efetuada essa repartição, o equilíbrio em pouco tempo estaria desfeito, pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que supondo-a possível e durável, tendo cada um sòmente com que viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que con-

correm para o progresso e para o bem estar da Humanidade; que admitido désse a cada um o necessário, já não haveria o aguilhão que impele os homens às descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí se espanda em quantidade suficiente, de acôrdo com as necessidades.

Admitido isso, pergunta-se porque Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Ainda aí está uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Dando-lhe o livre arbítrio, quís êle que o homem chegasse, por experiência própria, a distinguir o bem do mal, e que a prática do primeiro resultasse de seus esforços e da sua vontade: Não deve o homem ser conduzido fatalmente ao bem, nem ao mal, sem o que nada mais fôra senão instrumento passivo e irresponsável, como os animais. A riqueza é um meio de o experimentar moralmente. Mas, como, ao mesmo tempo, é poderoso meio de ação para o progresso, não quer Deus que ela permaneça longo tempo improdutiva pelo que incessantemente a desloca. Cada um tem que a possuir, para se exercitar em utilizá-la e demonstrar que uso sabe fazer dela. Sendo, no entanto, materialmente impossível que todos a possuam ao mesmo tempo e acontecendo, além disso, que, se todos a possuíssem, ninguém trabalharia, com o que o melhoramento do planêta ficaria comprometido, cada um a possui por sua vez. Assim, um que não a tem hoje, já a teve ou terá noutra existência; outro que agora a tem, talvez não a tenha amanhã. Há ricos e pobres, porque, sendo Deus justo, como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno. A pobreza é, para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é, para os outros, a prova da caridade e da abnegação».

Não pensemos, pois, encontrar a felicidade, na posse a qualquer título, da riqueza terrena. Conquanto seu uso não seja defeso por Deus, mas sim o abuso, a verdadeira felicidade é encontrada no cultivo das virtudes cristãs, únicas que se transubstanciam em moedas de curso no Erário da Eternidade.

A Constituição Federal, a lei básica dos brasileiros, enfeixa os princípios essenciais conducentes a uma vida digna para todos. Respeito às convicções de cada um, no campo religioso, assim como no campo político; declaração dos direitos dos cidadãos; livre iniciativa no domínio econômico; temporariedade das funções eletivas, cujos poderes emanam do povo e em seu nome são exercidos; eis algumas das inúmeras facetas dêsse admirável código de moral e de direito.

No exercício do voto secreto tem o cidadão a mais sólida garantia da livre escolha de seus representantes ou dirigentes, não havendo necessidade da tutela de ditadores ou de pseudos iluminados.

O voto é, realmente, o instituto basilar da liberal democracia, único regime consentâneo com nossa índole pacífica, mas independente e altiva.

Os grupos representativos das fôrças vivas da Nação, para reivindicar suas conquistas ou traduzir seus anseios, não precisam recorrer à violência e ao crime: aí estão o direito de greve e o de reunião pacífica em praça pública, acolhidos na Carta Magna, como lídima expressão dos princípios democráticos que nos orientam.

O povo brasileiro, por sua formação histórica, é pacifista e avesso a guerras de conquista ou de predomínio econômico; a guerra, todavia, nos dias que correm, ainda é uma contingência da imperfeição da alma do terrícola. Cumpre, assim, prepararmo-nos para essa contingência, como povo livre no conceito das nações civilizadas, para que, enfim, possamos fruir de verdadeira paz, da paz de consciência, de tranquila e serena confiança no alvorecer dos próximos séculos, em que os desígnios de um Pai sábio e justo reservam ao planêta as venturas indescritíveis de uma felicidade paradisíaca.

Neste dia, em que prestamos nossa sincera homenagem àqueles que souberam morrer com honra em defesa de nossos foros de povo civilizado, enderecemos nossa solidariedade às famílias privadas da companhia daqueles entes queridos e saibamos reafirmar o compromisso de nos dedicarmos inteiramente ao serviço da Pátria, cuja honra, integridade e instituições defenderemos com o sacrifício da própria vida».

# Bodas de Ouro

Na residência do Major Dirceu Mendes, realizou-se em Curitiba, Estado do Paraná, a 13 de Abril p. findo, um almôço em homenagem às bodas de ouro de seus tios, 1.º Tenente Alberto Lopes e sua esposa Maria da Luz de Freitas Lopes. A essa homenagem compareceram, apoiando-a, os seus sobrinhos General Francisco de Almeida Freitas, Afonso Diz Martins, funcionário estadual, Coronel Edmundo Vieira, Ari Cunha, da redação de «Ultima Hora», de São Paulo, sua esposa Professôra Maria de Lourdes Lopes da Cunha, todos com as suas famílias; bem como o conhecido e competente advogado Tito Galvão Filho, além de numerosos sobrinhos e parentes.

Saudados os homenageados pelos Drs. Newton S. de Sousa, da «Gazeta do Povo», de Curitiba, e pelo advogado Tito Galvão Filho, o Tenente Alberto Lopes, ao agradecer essas saudações pronunciou o discurso, que em seguida resumimos, tendo, ao encerrar-se a cerimônia, proferido as preces de Cáritas e de Ismael, ouvidas com atenção e respeito por tôda a assistência, embora composta de pessoas pertencentes a outros credos religiosos.

É sempre com grande prazer que registramos gestos de coragem moral de nossos confrades, quando êles, como no caso presente, sustentam, em meios de opinião diferente, a sua fé de cultura da Doutrina. E o discurso, que vamos resumir, premidos pela angústia de espaço, é uma dessas afirmações solenes de convicção espírita.

Em sua peça oratória, o Tenente Alberto Lopes, revelando carater e sinceridade, depois de contar as peripécias de sua vida, de origem humilde, e de infância atribulada, como órfão de pai e mãe, e como, levado por mão amiga, alistou-se no Exército Nacional, com 14 anos incompletos de idade, chegando logo a 2.º sargento, prosseguiu : . . . . . .

«Nas casernas dêsse tempo existiam oficiais ilustrados, bacharéis em matemáticas e ciências físicas, mestres eminentes, com os quais muito aprendí.

Predominava, nessa época, na maioria dos meios militares de nossas classes armadas, a Escola Positivista, criada pelo sábio francês Augusto Conte, considerado como uma das maiores cerebrações do século passado. Nos meios científicos da Europa e da América e entre as suas classes mais esclarecidas, encontrou essa Escola elevado número de adeptos. Isso ocorreu, porque, as lutas religiosas e políticas existentes sôbre as variadas interpretações dadas aos textos bíblicos, desde os primeiros surtos da propaganda do Cristianismo, provocaram as reações das elites intelectuais que influiram nas reformas sociais e políticas, definidas e fundamentadas «nos direitos do homem», com a vitória da Revolução Francêsa, de 1789. Ante essa realidade histórica, Augusto Conte estabeleceu a evolução humana em três estados distintos : o teocrático, o metafísico e o positivo. Daí surgiu o Positivismo, como Religião da Humanidade, tendo por finalidade religiosa : «viver para outrem com o amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim». Foi nessa Escola que eu forjei a minha mentalidade de moço. Dediquei-me ao estudo da História Universal e das religiões, surgidas no mundo desde os tempos dos Vedas, bíblia da Índia, considerada como precioso manancial de ensinamentos divinos, existente desde a mais remota antiguidade».

E, após narrar outros episódios, até a sua promoção a 1.º Sargento e o fato de haver contraído o feliz matrimônio, cujo cinquentenário ali se comemorava, no momento, continuou :

«Tornando-nos pouco tempo depois de casados crentes espíritas cristãos, diante das provas dos muitos fatos que testemunhamos, encontramos no espiritualismo científico evangélico os ensinamentos necessários a formação moral do nosso lar. Desde, então, nunca nos faltou o amparo da Providência Divina, nos momentos di-

fíceis de nossa existência, ao procurarmos nos manter sempre em um ambiente de pobreza honrada.

No culto ao dever e no amor à Pátria, eu soube sempre dar cabal desempenho às missões que me foram confiadas, não só como Sargento, sinão também como Tenente no curso das revoltas e revoluções que abalaram o nosso País, nestes últimos tempos. Disciplinado e disciplinador, nas operações de guerra e nas atividades profissionais das casernas ou Repartições Militares, de nosso Exército, a minha conduta sempre mereceu louvores dos Chefes justos e competentes sob cujas ordens servi. Deixei, assim, no serviço ativo do Exército um nome honrado.

Nas minhas lutas jornalísticas em Ponta-Grossa, neste Estado, em Ribeirão Preto, Sorocaba e outras cidades paulistas, jamais abandonei o meu idealismo, pois que êle representa a razão de ser de minha vida. Irmanado com o povo, sempre conviví com as classes pobres e com elas identificando o meu destino. Na escola da vida, eu aprendi a conhecer as imperfeições de nossa Humanidade.

Sempre me batí e continuo a me bater, em prol das reivindicações dos que sofrem as opressões dos despotismos e as agruras da miséria. Diante dos quadros dos infortúnios humanos, cheguei à conclusão de que os homens que vivem só para si, como escravos exclusivos de seus instintos e visando tão sòmente os gosos dos bens materiais da vida, se transformam em elementos nocivos ao progresso moral dos povos aos quais pertencem. As sociedades humanas, verdadeiramente moralizadas, só se podem construir na vigência de uma ordem jurídica sob a qual se possam firmar, em bases perfeitas e justas, os direitos dos que lutam e trabalham, realmente, pelo engrandecimento de suas Pátrias.»

—

«No Drama do Calvário se assinalou o alvorecer da civilização cristã. A cruz representa, portanto, um símbolo de dor e um símbolo de luz. Jesus Cristo, o Mensageiro Celeste, que baixou de um plano de luz para um plano de trevas, deixou insculpidos, na Mensagem Divina que revelou à nossa Humanidade, os rumos seguros e verdadeiros do seu aperfeiçoamento espiritual.

Pinheiro Chagas, notável literato português, ao referir-se a êsse Drama, em trechos de um famoso poema, assim se definiu :

«Eu sou a liberdade, a musa inspiradora de tudo quanto é nobre é belo e santo, aquí ; resplende em meu falar o igualitário aroma, nos meus lábios em flor, paterno amor sorri.

Nasci quando Deus com mão onipotente, quís um mundo de Luz no Espaço semear ; embalou-me a procela em seu regáço ardente, deram-me espúmeo berço as solidões do mar.

Gemia o mundo escravo, o servo e o pária, sentiam sôbre si ignóta maldição ; no entanto, longe ao longe, em rocha solitária, de um sepulcro cruel brotava a redenção.

Toldava um Céu brumoso a lúgubre montanha. E entre as trevas do horror, a voz do Nazareno : — «Vai Paulo, apóstolo das gentes, solta o verbo do amor aos écos do porvir.

Diz ao homem, sou a Justiça, ao pobre a Caridade e ao povo que na liça aos déspostas se curva, eu sou a Liberdade».

—

Dirigimo-nos, agora, aos nossos parentes e pessôas amigas que, aquí, se encontram presentes. Ao agradecermos as gentilezas das homenagens que nos prestam, com êste almôço, pelo motivo de nossas bodas de ouro, invocamos a luz da Verdade Evangélica para que ela ilumine sempre os vossos caminhos ; e rogamos a Deus para que não cesse de cobrir de muitas bençãos os vossos lares».

# TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

*Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte :*

*1) nome por extenso ; 2) o antigo endereço ; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.*

# Coisas da Vida...

General Levino Cornélio Wischral

E vez em quando, para dar exercício ao corpo físico, entregamo-nos a longas caminhadas a pé. Êsse passeio permite-nos observar a lufa-lufa dos transeuntes e o seu comportamento no burburinho humano das grandes capitais.

Aliás, quase todo espírita tem a boa «mania» de apreciar, de modo diferente, aquilo que nos cerca, submetendo depois o resultado de sua apreciação ao fiel da balança da criteriosa e infalível Lei de Causa e Efeito, ou seja a ação e reação de nossos atos, atitudes e pensamentos, dos quais resulta o nosso «karma» nesta existência.

Naturalmente, assim também procedemos; por isso, de modo constante observamos atentamente o ambiente em que vivemos e, habituados a essa análise contínua, deparamos com muitas coisas esquisitas, que nos deixam admirados. Vejamos êste caso, de aparência insignificante, mas que contém lição interessante:

Certa vez, atravessando o Viaduto Santa Efigênia, íamos meditando, justamente, sôbre a Lei de Causa e Efeito, achando que, nem sempre, o efeito de uma ação má se apresenta de imediato. Apenas nos viera à mente essa idéia, vimos que um mocinho bem trajado, porém, na certa, bem mal educado, dava uma cusparada por sôbre as grades do viaduto, sôbre o público que se locomovia no Vale do Anhangabaú. Revoltamo-nos e tivemos até ímpetos de chamá-lo para transmitir-lhe uma edificante lição de moral; no entanto, contivemo-nos, deixando para censurá-lo caso tal ato se repetisse.

Com surprêsa, entretanto, pudemos registrar que o efeito da má ação praticada pelo moço surgira de pronto! Mal haviamos transposto o viaduto, eis que um emplastro de escarro, naturalmente expelido através de alguma janela de arranha-céu, veio atingir em cheio, e de modo espetacular, a face do infeliz rapaz! Tudo ocorreu ràpidamente, sem que ao menos tivéssemos tempo de ligar a ocorrência à idéia tida, havia poucos segundos, de que nem sempre o efeito de uma ação má volta imediatamente contra o seu autor.

E, enquanto o rapaz se mostrava indignado com a cusparada, gesticulando enraivecido e proferindo palavrões, nós, que haviamos presenciado os antecedentes do fato, ficamos profundamente apiedados dêle, convencendo-nos de que o castigo viera realmente «a cavalo» e de modo inesperado!

Muitas pessoas presentes achavam que o rapazinho fôra brutal e injustamente ultrajado em sua honra de cidadão... mas era porque não sabiam que a Justiça de Deus nunca tarda!

Outro caso, bem grotesco, foi presenciado num posto onde uma instituição de caridade repartia brinquedos, roupas e alimentos aos pobres durante o Natal.

Corações bem formados, procurando imitar o amor de Jesus, entregavam-se diligentes ao trabalho de propiciar alguns dias melhores aos necessitados. Naquele formigueiro humano, tudo era paz, amor e bem-estar. O que mais chamava a nossa atenção eram os pequeninos, com seus meigos olhos que se iluminavam, de modo estranho, quando suas mãozinhas ávidas recebiam o tão desejado brinquedo!

Tudo era alegria ao derredor, e todos os presentes não podiam deixar de externar um espontâneo sorriso de satisfação nesse glorioso dia em que se homenageava o nascimento do Menino Jesus! A felicidade a todos envolvia, tanto aos que davam como aos que recebiam — parecia uma assembléia presidida por Deus!

Todavia, lá pelas tantas, uma infortunada mãezinha, trazendo ao colo desnutrida criança, depois de receber brinquedos, pacotes de macarrão, batatas, doces e roupas, num chocante gesto de revolta arremessou tudo aos pés das pessoas que ali atendiam com solicitude às extensas filas. Os dirigentes da instituição, contudo, não se irritaram com o ocorrido, e o impensado gesto daquela mulher foi levado à conta de ignorância e nervosismo.

Procurando harmonizar tão delica-

do impasse, vimos gentil dama oferecer, de modo reservado, à mulher que continuava altercando, uma cédula de quinhentos cruzeiros em troca dos gêneros alimentícios que não quisera levar; mas, nesse momento, pudemos ver até que ponto pode chegar a ignorância humana, pois a mulher nem assim se deu por satisfeita, passando agora a xingar aqueles que ali se achavam, de tão boa vontade, ao serviço do bem.

Constantemente gritava: «Pensam que com isto resolvem meus problemas?»

Com a intervenção de um guarda civil, tudo se normalizou e o exercício do «amai-vos uns aos outros» continuava agora sem interrupção, mas sem a alegria de antes.

O humorismo sadio, que é sempre um bom remédio apropriado a salvar qualquer situação difícil, não demorou a se fazer sentir, para regozijo dos presentes, através da seguinte nota pitoresca: O velho guarda civil, em atitude pensativa, como que procurando a causa da atitude da mulher, a meditar com o queixo apoiado no dedo polegar, assim falou compassadamente: «Já sei! Essa «dona» veio buscar um cadilac rabo de peixe!»

Ninguém mais conteve o riso. E, como êle é contagiante, transformou a fisionomia de todos, fazendo voltar a alegria à festa natalina.

E assim, a não muito caridosa piada teve fôrça para tudo harmonizar...

Ainda bem!

# O Homem, Célula do Organismo Nacional

G. M. Minardi – da API

O homem no materialismo virou-se um ser malvado com evidente tendência congênita a oprimir o seu semelhante, cegou-o o egocentrismo e a vaidade tirou-lhe a paz do coração. Difícil é tolerar as próprias derrotas, dificílimo é também tolerar a vitória alheia. Falava bem Plauto quando dizia: homo homini lupus.

Por ser o homem o artífice do seu destino a êle cumpre realizar o esfôrço de criar-se a si mesmo e o dever de esculpir a grande obra do espírito na rude matéria da vida. Seu, tem que ser também os esforços para a conquista biológica e para se libertar da mais baixa lei do mundo animal. E assim, seu será o triunfo na ascenção espiritual e no setor de todos os valores humanos. Luta incessante é esta contra o *Eu* em pró do *Tu*.

Visa-se hoje, mais do que nunca, uma imane revolução biológica e social. Movimentos mundiais de massas e de espíritos, de povos e de conceitos estão em ação; êstes movimentos são tão profundos que ninguém poderá escapar, ou pior ainda, abafar. Erram aquêles que pensam que a razão está apoiada na fôrça, êste elemento deletério, mais baixo da vida, criará, como a história nos ensina, o desequilíbrio da ordem. Quem se evade das normas Supremas da Lei Divina é fatalmente predestinado a caír no báratro das ilusões e das trevas. No Cosmo tudo é regido pela lei da harmonia, do amor e da justiça mas, exatamente por ser de justiça é também lei de reação que sabe desmoronar-se qual procela apocalíptica no destino de cada indivíduo como no do coletivo. Ignorando êstes equilíbrios lesa-se o «destino inexorável», provocando, cada vez mais, furacões de reações e de revoltas.

Errôneamente persiste-se ainda em antepôr aos princípios dos ideais imortais os baixos interêsses, e sôbre êstes se forjam os quiméricos princípios das ilusões. Costuma-se ainda em um lastimável oportunismo, desprezar o vencido, anulando-o e humilhando-o, ainda que seja um justo e ao contrario glorifica-se o vencedor, ainda que seja um deshonesto. Crê-se apenas na matéria; confiando-se na riqueza e na fôrça; elas entretanto fatalmente nos trairão.

Ao conceito superficial de uma fácil negação de tôda disciplina moral, qual o do materialismo científico odierno, tem que opôr o conceito inverso: «o homem está com sua patente responsabilidade por viver no âmbito social, do qual representa um elemento determinante para o funcionamento do complexo organismo nacional».

Em qualquer instituição social ou jurídica: trabalho, riqueza, propriedade, e organização nacional constitucional, não podem ser considerados conceitos isolados mas sim funções enlaçadas e enquadradas no funcionamento orgânico universal.

O problema de uma nação, como o do nosso Brasil, é de educação, para que os filhos das outras terras, necessários e indispensáveis ao progresso econômico-social da Nação, não se sintam (como veio a exprimir-se um sábio eminente) dispostos a reviver as taras de suas antigas organizações e sim absorvidos no círculo espiritual do Grande País acolhedor, possam integrar-se nas suas fileiras de fraternidade e de evolução.

Apesar da recente filosofia «Autárquica» (bastar-se a si mesmo), nenhum país do mundo pode viver independente da comunidade internacional. Tôda a grandeza material e moral de um povo repousa na regularidade dos fenômenos das trocas e bem sabemos que tôdas as guerras, quase sempre, tiveram a sua origem na desharmonia comercial entre as nações.

Assim como a melhora do organismo está na melhora de tôdas as suas células; também o progresso social não pode ser mais que o resultado da soma dos progressos dos indivíduos.

# CIÊNCIA E SABEDORIA

**Rabbi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; pois ninguém pode fazer êstes milagres que tu fazes, se Deus não estiver com êle.— S. João 3-2.**

SAPIENTÍSSIMA conclusão tiraste, ó Nicodemos, dos feitos do Mestre, Senhor nosso. Muito bem, apertemo-nos as mãos, pois, que pensamos de igual modo. Mas vem cá, dize-me uma coisa: porque procuraste o Senhor à noite e às escondidas? Se êle vem da parte de Deus, como tu o confessas, não seria o caso de o procurares às claras, tornando-te mesmo seu discípulo? Porque o não fizeste?

Ah! não te acanhes, não tentes dissimular a verdade, como é do teu costume, que eu sei das razões. És doutor em Israel, mas, hoje te hás de conformar em receber um quinau. Tu não morreste ainda, como há quem o suponha, mas, vives e és representado por todos os que crêem e o confessam, mas, não o seguem. Eu te direi hoje o que sabes e o que ignoras; e para tua confusão digo-te, já, que aquilo mesmo que sabes é também o que ignoras...

— Mas como é isto? Que duas coisas são estas que, tão encontradas, possam ser certas? Que coisa difícil? Diante disto, o renascer já me não é dificuldade?! Como posso saber o que ignoro e ignorar o que sei?

Sôbre isto, é, pois, que te hei de falar; para o agudo doutor que és, são necessárias agudezas como estas.

A coisa de se saber o que se ignora, e ignorar-se o que se sabe, está em que se sabe ou se pode saber de três maneiras diferentes: pode-se saber de um modo e ignorar-se pelo outro e vice-versa; e pode-se saber dos dois modos.

Sabe-se pelo entendimento, sabe-se pelo coração, e sabe-se pelo coração e pelo entendimento juntamente.

Pode-se saber só pelo entendimento e ignorar pelo coração, como Salomão que sabendo tanto, caíu, e, caindo, degradou-se, dando vazão a todos os instintos subversivos, terminando seus dias na idolatria e no debochado convívio de setecentas rainhas e trezentas concubinas.

Pode-se saber pelo entendimento e pelo coração, como Jesus, que ao emitir um conceito, ou enunciar um princípio, sentia o que pensava e o que dizia.

Sabem só pelo coração e ignoram pelo entendimento, aquêles que, como o centurião romano, sabem sem saber como sabem, nem porque sabem: — Manda, Senhor, e meu servo será curado, diz o centurião a Jesus. Nem em todo o Israel encontrei tamanha fé, responde o Senhor, e com isto chama fé, à esta

consciência interior, à esta convicção ou certeza íntima da alma.

O saber só do entendimento não livra o homem de cair, pois, como já te disse de Salomão, direi também de ti, que caíste, procurando o Mestre à noite, como se fôras um morcêgo abominador da luz. Buscaste a Deus encapuzado nos teus preconceitos misérrimos de homem e de mestre, e bem que o Senhor te disse que te era necessário nascer de novo para entrares no Reino, que sabias buscar, que sabias achar, mas, que não soubeste e não sabes entrar, porque nêle só se entra pelo coração, e nunca pela cabeça. Provo. Os espíritos inferiores, ou sejam os demônios, crêm em Deus e estremecem, como diz Tiago, e no entanto o não seguem. O diabo segundo o sagrado texto, tem poder de transformar-se em anjo de luz; êle que é treva e ignorância, pode ser luz e ciência; logo têm ciência, tem, como te disse, o saber do entendimento. O mundo está cheio de homens de ciência, portadores de diplomas, mas, a ciência os não torna melhores, que os iletrados; a ciência dos bancos acadêmicos não lhes confere superioridade, senão habilidade de melhor trapacear e esconder. Esta é o que, na Escritura, se chama sabedoria dos homens, e que é estultícia diante de Deus.

A ciência é síntese sensorial, filha dos sentidos exteriores; é casca; é superfície; é periferia; é relatividade; é visão por partes; é feita por progressividades de idéias; é análise; é razão; é raciocínio; é a inteligência do homem comum, aplicada, tôda ela, em atender as necessidades exteriores da vida, e daí não passa.

Contudo, uma outra ciência há, vasta e profunda, que é a do coração; esta é ciência de substância; é essência; é visão direta e instantânea como o raio; é visão global do todo; é intuição; é, não ciência, mas sabedoria.

A ciência, com ser superficie e análise, é a sabedoria dos medíocres. A sabedoria, com ser profundidade e substância, é a ciência dos gênios e dos santos.

Com a ciência descobrem-se verdades, mas, não a Verdade. A razão, que muito bem serve à vida, se lançada no oceano da Verdade, perde-se. Com o relativo não se há que medir o Absoluto, nem com o efêmero o Infinito.

Aprende, ó Nicodemos, que tôdas as conquistas dos gênios são conseguidas por intuição, que é o método de pesquisar por síntese, ou visão direta. É nêste plano hiperconsciencial que operam os grandes. É nesta consciência tridimensória, universalista ou cósmica, onde se movem os artistas, os santos, os heróis e os gênios. Esta é a consciência volumétrica e não planimétrica como a razão, e sobretudo como a tua razão. Esta ciência de conhecer com o coração, é que o mundo terá de desenvolver ainda.

Na tua miopia e viciação de ver por análise, negas a que outros possam ver e vejam por sínteses, e sintam a Verdade, mas, assim é, contudo. Essa ciência do coração se desenvolve pelo método dos místicos, e o homem há que apurar a sua própria sensibilidade, por um aprimoramento moral, até chegar a êsse estado profundo de consciência, que permite a visão instantânea do caminho certo, ainda que nas horas mais difíceis. Esta opção pelo certo, pelo exato, é momentânea como o relâmpago, e se dá na mente do gênio, quer esteja êle num laboratório, quer num templo, quer na tempestade, quer num campo de batalha.

Bem-aventurados os que entendem a Verdade, porém, mais bem-aventurados os que a sentem, porque êstes a seguem arrastados, não por esfôrço, mas, forçados pela fatalidade evolutiva que a todos atinge.

Tu buscastes a Cristo com a cabeça, quando o devias ter buscado com o coração. Tu és medíocre, como o é o mundo; fica, pois, aí, então, no mundo; aí é o teu lugar; renasce muitas vêzes, sua, sofre, padece, aperfeiçoa, cultiva a sabedoria, que é a ciência do amor, e te libertarás.

Luiz Caramaschi.

---

*Sêde prudentes, orai para serdes ajudados pelos espíritos e vigiai os vossos próprios pensamentos para que as vossas ações não sirvam de pedra de tropeço àqueles que procuram realizar obras meritórias. — CAMARGO.*

# O Fim do Mundo

Antonio Domiciano

A lei universal é nascer, crescer, morrer, para os sêres vivos. Os sêres a quem a ciência denomina de «inanimados» também passam pelas fases de origem, formação e decomposição ou morte. Os planetas também nascem, crescem, ou se de senvolvem, e, finalmente, morrem. A ciência nos demonstra, que, efitivamente, assim é.

A matéria não aumenta nem diminue, mas, se transforma sempre. A fôrça a que tôda matéria está sugeita, também não aumenta, nem diminue, apenas se resolve em novas fôrças.

Assim é para os dois princípios universais, «fôrça e matéria». Presidindo a tudo quanto existe no universo, está o imutável e eterno poder do Espírito Universal, ao qual se prende a alma dos sêres, desde os eletrons e neutrôneus até os maiores sóes das alturas cósmicas. A nossa mente é atraida por Êle, O sente e O vê por tôda parte. Mesmo o homem mais cego, mesmo e mulher mais imbecil, O sente com maior ou menor intensidade. Não existe sábio algum, nem inteligência alguma capaz de demonstrar que a Natureza, com tôdas as suas maravilhas, não seja obra de um Sublime Artífice. Para gosar da sua divina presença, basta a boa vontade, disposição receptiva do infinito bem, basta o amor. O AMOR reina sôbre os céus e os mares. O amor vibra por tôda parte. Não o sente e não o vê, sómente o pobre de espírito.

A Terra, este grão de poeira cósmica, que nos serve de lar, no Infinito, também morrerá um dia. Poderá esfacelar-se de encontro a al gum esteróide errante. Poderá explodir em consequência de gazes interiores, sob alta pressão. Poderá perder o calor do Sol... Muitas estrêlas já passaram por estes dramas, em diversas constelações. Tragédias que se repetem sempre, entre os milhões de mundos, a distâncias de milhares de anos luz, ainda enviam raios luminosos, caminheiros de três, quatro e mais milhares de anos terrestres, dando notícias dessas tragédias cósmicas, aos cientistas positivos.

O que acontece a estes astros, poderá acontecer também à Terra. Antes da morte terrestre haverá a extinção da vida sôbre ela. A vida se ausentará dela, pelo fogo, ou pela água ou pela ausência de ambos, de um modo absoluto. A espessura da crôsta terrestre, solidificada, está para a interior ígneo na mesma razão da espessura de uma casca de laranja para o seu conteúdo. Vemos assim, que a nossa morada não é eterna nem imutável, porque sua organização geofísica não é eterna. Devido a esta mesma contingência, convence mo-nos de que a Terra tem seu destino, assim como todo ser vivo também o tem. Quando chegar à méta prevista pelo Criador dos Mundos então será o fim. Mas, deste fim ninguém o sabe. O próprio Mestre dos Mestres também disse não sabe-lo. E' um segrêdo que pertence a Deus, e a mais ninguém.

Compreendemos perfeitamente que somos nada. Apezar de uma encantada maravilha, o nosso corpo, como todos os sêres vivos que nos cercam, tudo é um sonho, diante da eternidade. Nosso fim pode ser agora, amanhã, daqui há um mês, ou daqui há alguns anos, mas é visível, é sensível, é perfeitamente inevitável. A sociedade também é assim. A sociedade dos micróbios, dos vermes, dos moluscos, dos artrópodos, dos peixes, das aves, dos vertebrados, em geral, dos homens, enfim, também crescem, evoluem, até certo tempo, e depois, desaparecem.

Os profetas, viram o destino da sociedade humana de desde 3 mil anos antes de Cristo. Os profetas da antiguidade descreveram em linguagem simbólica cheia de magia o destino da sociedade humana. Jesus Cristo também profetisou. Todos disseram a verdade. O Apocalípse por exemplo é uma das colunas poderosas das profecias sôbre o destino da sociedade. Para compreendê-lo é preciso conhecer ciência moderna e antiga. Verá, então, que marchamos precisamente na órbita traçada por êle. A Besta ali, é o homem animal, o homem materializado, egoísta, homem féra, pouco diferenciado do tigre que vive mostrando as garras e os dentes a tudo quanto lhe apareça em derredor, movido pelo temor de que alguém lhe roube o cadaver ainda quente de sua presa. E' uma imagem viva e perfeita. «A BESTA».

Quem não a vê agora, ameaçadora e terrível? Agora que ela pode servir-se de

coisas muito mais mortíferas do que as garras e os dentes? Agora que ela pode usar de fôrças termonucleares?! O mundo está mesmo nas bordas do precipício. A «BESTA» pode incendiá-lo e matá-lo em poucos dias. Basta uma vaga de foguetes balísticos portadores de bombas H.

E onde iremos parar?!

A pergunta do momento é esta: «Será verdade que o Nosso Amoroso Pai Universal, nos condenou a um destino tão cruel?

Será que nos deu um lar tão bonito, uma vida tão encantadora para permitir que uma «BESTA» os destrúa, pelo seu egoísmo, pela sua ferocidade?

Não! Deus não permitirá este destino. Êle quer que o homem viva. Êle quer que a felicidade reine. Ele quer que o espírito se aproxime dele, naturalmente, luminosamente. Para isso Êle inspira aos povos os sentimentos de fraternidade, as idéias de amor, e vai destruindo as garras e as presas dos Leões e dos Leopardos, dos tigres de Bengala e dos Pumas. Êle vai semeando as flôres do bem por tôda parte, e não tardará que estas féras vivam sómente nos jardins zoológicos para recordações de sua espécie aos meninos de colégio. Penso que assim será porque Cristo o disse: «Nenhuma carne suportaria a desolação e as aflições daqueles dias, não fosse os escolhidos». — «Por causa dos escolhidos aquêles dias serão abreviados»!

—

# Abrigo Jesus

Uma das obras mais importantes do Espiritismo no Brasil é o *Abrigo Jesus*, marco luminoso da abnegação de um pugilo de bravos lidadores espíritas, que, dezenas de anos, seguidamente, servem de paradigma aos seus confrades na capital de Minas Gerais. Uma equipe valente de obreiros do bem, chefiada por Osório de Moraes, presidente, e Leonardo Baungratz, secretário, há cerca de 20 anos, pôs-se à frente daquela obra, que é uma escola de assistência à infância em ação contínua; e jamais descançou, contando, cada ano que passa, mais uma vitória, a serviço do Mestre.

O Abrigo Jesus abriu caminho em Belo Horizonte para a arrancada maravilhosa das obras de assistência social do Espiritismo nas velhas plagas do *Curral del Rei*, quando ainda parecia gesto temerário um empreendimento de tal ordem; e, hoje, está congratulando-se com muitos outros arrojados cometimentos congêneres, que seguiram o seu exemplo e igualmente dignificam, na sua capital, a presente geração espírita belohorizontina.

Ainda agora sentimos repetir a profunda emoção de ler o seu relatório administrativo anual. Como o dos outros, o relatório do exercício de 1957, aprovado em assembléia geral ordinária de 9/3/58, é um atestado vivo, pujante e comovente de fé vitoriosa, manifestada em atos por todos os componentes da equipe do Abrigo Jesus, do mais humilde e pequenino ao mais graduado trabalhador, desde as meninas internadas ao presidente, todos servindo, cada qual a seu modo. O Abrigo Jesus é um perfeito educandário, com Jardim da Infância, Curso Primário, Escola de Córte e Costura, Tricô e Bordados, Cozinha e Lavanderia e outras prendas domésticas. As meninas aprendem todos êstes serviços fazendo o próprio serviço do Abrigo Jesus. É, dêsse modo, um grande lar-escola, digno de emulação por parte da família espírita brasileira.

Além disso, o Abrigo Jesus envia as suas meninas ao aprendizado externo. É assim que duas cursam o 4.º ano do *Ginásio «O Precursor»*; nove estão matriculadas na Escola Profissional Feminina «Benjamim Flores»; e duas foram diplomadas em Abril p. p. no *Curso de Córte e Costura da «Singer»*, onde outras mais continuarão a prender.

Ás meninas são dadas aulas de moral cristã aos sábados e domingos, havendo reuniões evangélicas e práticas às sextas feiras. Os vestidos das internadas vêm sendo confeccionados pelas meninas maiores, possuindo a Instituição 5 máquinas de costura e 2 de tricô para tal serviço; e são também por elas executados os demais serviços caseiros, de limpeza, de lavanderia, de cozinha, etc., nos quais se revezam mensalmente, sempre dirigidas e auxiliadas por pessoas caridosas.

Recebem alí alimentação sadia e farta, a par de cuidados higiênicos científicos, gratuìtamente propiciados pelos médicos, nossos confrades, drs. Delcides de Oliveira Baungratz e José Schembri e pelo cirurgião-dentista dr. Diogo Lopes Marins. Ressalte-se aquí o valor desta alimentação e desta assistência médico-dentária, no seguinte fato: O surto de gripe Asiática causou grandes danos na capital mineira; mas, as então 103 meninas do Abrigo Jesus, graças a Deus, quasi nem tomaram conhecimento disso, tão brandos foram os casos entre elas sucedidos.

Todos diretores do Abrigo Jesus trabalham sem remuneração. Por isso, a despesa mensal de cada menina foi, apenas de Cr. $ 694,50, nêsse tempo de fabulosa carestía de tudo.

A presidência do Abrigo, há mais de 18 anos está sendo exercida pelo diléto confrade e velho amigo Osório de Moraes; e a secretaria, há mais de 20 anos, pelo caríssimo Leonardo Baungratz, o meu nunca esquecido preceptor espírita, nos anos de 931 a 934, na bucólica cidade de Lima Duarte (M. G.) (Que alegria para mim!...)

Uma afirmativa alviçareira está contida no atual relatório: Ficou assentado e resolvido por unanimidade, numa das últimas reuniões da atual diretoria, fazer-se ampliação do Abrigo, construindo-se mais uma ala no edifício sede, a iniciar-se nêste ano. A Instituição vem acumulando economias, anualmente, dispondo já de boa soma, para garantir essa obra, de modo a ter a certeza de chegar ao fim da construção sem perigo de paralizá-la, apesar de conhecer todos os entraves naturais do momento, sobretudo o alto custo do material e da mão de obra. Gente de coragem.

Avante, irmãos! Com Jesus à frente, ninguém, nada deter-vos-á na caminhada. Milhares, como eu, estarão em preces pelas vossas vitórias sucessivas.

**Aleixo Victor Magaldi.**

Volta Redonda, 1.º Maio, 1958.

# Os nossos irmãos irracionais

RENATO KHEL

*Da Academia Nacional de Medicina*

É chegada a vez de tecer algumas considerações bio-perspectivistas em tôrno do bicho-bicho, pois do bicho-homem já nos ocupamos bastante.

Não se leve à conta de descuido ou menoscabo essa longa protelação de entrar no mundo dos irracionais, mas à conta de falta de oportunidade e em vista da atenção requerida pelos multiplos problemas ligados ao mundo tormentoso dos racionais.

Embora os animais não tenham merecido dos fundadores da religião, prevalescente no lado ocidental, um tratamento equitativo nas escrituras, não podem êles deixar de ser considerados filhos do mesmo Criador, feitos que são de matéria viva, de um protoplasma que se distribue pelas células e por tôda a economia orgânica.

Também êles vivem, lutam, sofrem e se reproduzem; cuidam das crias com desvêlo; demonstram, assim, sentimento de amor e sentimento de solidariedade à espécie.

O animal merece, pois, do homem, não apenas a consideração individual, que um ou outro lhe concede. Merece uma consideração geral e universal, reconhecida no «direito das gentes», como muita gente possúe sem merecer.

Não se trata apenas do nosso querido cão, do nosso excelente cavalo, do boi que tudo nos oferece e do qual nada se perde, do papagaio gritador e cacete, quando não nos pertence. Englobam-se na lista dos beneficiados pela nossa atenção, todos os bichos, mesmo os selvagens que, perseguidos e martirizados, de vez em quando atropelam e destróem os seus perseguidores, um direito, aliás, que lhes assiste.

Os homens ainda não foram educados para respeitar, como devem, os seus irmãos irracionais. Julgam-nos, por tradição, sêres à parte e sem «alma», indignos

de participar, quando expiram, dos recantos celestiais.

Quanta injustiça e quanta barbaridade se tem cometido contra os irracionais! Em pleno século XX, existem povos que não demonstram qualquer sentimento de caridade para com êles. Mesmo entre os civilizados alguns bárbaros os tratam a ponta-pés, a chicote, a azorrague, com chuços ponteagudos, muitas vêzes sem motivo justificado. Uma repentina cólera provocada por terceiros, desencadeia-se sàdicamente contra uma pobre montaria, um cão desprevenido, um boi preso à pesada canga. Compreende-se, em parte, essa ferocidade em adultos aos quais quando crianças, ninguém ensinou a não perseguir os passáros surgidos ao alcance de uma atiradeira, a não amarrar latas nas caudas de cães e gatos, e outras maldades que parecem inocentes, mas que aos poucos entorpecem o sentimento de amizade que os animais merecem.

Os homens se caracterizam, não só pelo modo com que tratam os semelhantes, como pelo modo de agir com relação aos animais domésticos ou não.

Si arrogamos a nós mesmos tantos direitos, devemos outorgar aos bichos, ao menos um: o de serem tratados com bondade.

Schopenhauer, grande amigo dos animais, dizia que a piedade, princípio de tôda a moralidade, deve também estender-se aos irracionais. E acrescenta com justa razão: «A pretensa ausência dos direitos dos animais; o preconceito de que a nossa conduta com relação a êles não tem importância moral; que não existem deveres do homem para com os bichos, constituem uma revoltante grosseria».

A piedade para com os irracionais decorre da formação moral do nosso caráter. Um indivíduo cruel para com os «bichos-bichos» não pode ser bom para com os «bichos-homens», seus semelhantes.

Devemos fazer sentir às crianças, aos adolescentes e aos adultos, que os animais sofrem, e que o sofrimento dêles, como disse um pensador, «é de certo modo mais intolerável para uma consciência livre, do que o sofrimento dos homens», que no geral sofrem por causa dos próprios êrros.

—

*Sociedade Francisco de Assis — De Assistência aos Animais*, Rua José Antonio Coelho, 15 — Sala 4 — Vila Mariana — São Paulo.

# Crônica Estrangeira

## Durante 20 anos «TOM» (O Espírito) morou com a família do Reitor

**A autora do que segue nos pediu ocultar o seu nome e enderêço, mas ambos podem ser obtidos para inqueritos bona fide. O documento que regista êsses extraordinários acontecimentos, diz ela, está assinado por todos os que estavam presentes.**

Eramos numerosa família moradora numa reitoria situada na Irlanda Oriental, quando «TOM» (espírito) se revelava por golpes, mostrava luzes e atirava objetos contra nós e ao nosso derredor.

Isso foi seis mêses antes do meu nascimento, em 1906. Êle permanecia conosco, nos acompanhava em nossas mudanças para quatro reitorias diferentes. Êle nos ajudava de muitos modos, vigiando-me, quando criança, balançando minha caminha, dando-me um vidro de leite, que trazia da cosinha.

Êle gostava, diziam-me, muito de arranjar as roupas de minha caminha, e nela depositar coisas bonitas, colocar, sôbre meu corpo, em forma de leque, a camisola de minha mãe; êle punha os sapatos de mamãe e o chapéu de papai no interior da caminha.

Algum tempo depois, minha mãe já não tinha mêdo de «Tom» e lhe permitia me balançar e me divertir. Lembro-me de tê-lo visto algumas vêzes, depois nada mais que uma figura embuçada, a estender a mão detrás de um móvel ou porta.

Muitas vêzes «Tom» era visto por membros da família, mesmo quando diversos estavam no aposento. Êle não nos atemorizava.

Vi muitos objetos em movimento no ar, contrariando a gravidade, e uma escova a esfregar o soalho por mãos invisíveis.

Eu tenho uma nota por êle escrita. Muitas vêzes êle escrevia sôbre pedaços de papel e os deixava sôbre móveis.

Nós gostavamos de «Tom», apesar de tudo eramos por vêzes censurados por suas travessuras quando pessoas estranhas estavam em nossa casa.

Contudo, êle nos ajudava a arrumar a mesa para as refeições, acender fogo. Êle nunca preparou qualquer alimento, não obstante nós lho termos pedido.

Êle nos divertia muito, a minhas irmãs e a mim, depois de irmos para a cama, ao lhe pedirmos fazer tôda sorte de coisas, mostrar luzes, abrir a janela, trazer agradáveis perfumes, falando-lhe por meio do alfabeto, batendo êle a palavra pedida.

O que muito divertiu minha irmã foi êle ter me beijado na face, a meu pedido. Êle nos trazia doces, que atirava na nossa cama ou sôbre a mesa — lembro-me que doces eram !

Meu pai não queria que pedissemos semelhantes coisas, pois êle não descobria aonde «Tom» poderia obtê-las.

A última lembrança que tenho de «Tom» data de 1928.

*De «Two Worlds».*

## Revelações em transe Hipnótico

*Reproduzido de «Constancia»*

O diário «La Razon», de 5 de abril de 1958 traz esta eloquente informação, aquí transcrita :

«DALLAS (Texas) — Leonard E. Kord, pai da jovem Patricia Jeanne Kord, de Williams, que em transe hipnótico afirmou ter sido, em outra vida, um sargento dos exércitos confederados do Sul, morto na guerra de Secessão há 96 anos, declarou que o estranho incidente o mantém no mais absoluto cepticismo. Kord encontra-se em Dallas realizando intensa investigação, em antigos arquívos, das afirmações formuladas, por sua filha sôbre os fatos de sua vida anterior. O pai Leonard E. Kord afirmou ter comprovado que 75 por cento das revelações feitas por sua filha, em estado de hipnose, são exatas. Diz Kord : «Minha filha, que nunca esteve em Shreveport, em seu transe mencionou a rua Water. Antigos mapas assinalam que cento e vinte e cinco anos atrás havia em Shreveport uma rua com tal nome. Ela falou de uma família Nichols, que morava quatro quilómetros a Sudoeste de Shreveport. Títulos de antigos proprietários, demonstram que uma família Nichols possuía terras na zona, pouco antes da guerra de Secessão. Tudo isto, para mim, é muito profundo e, todavia, permaneço céptico».

Kord disse que ainda não poude descobrir a existência do sargento Gene Donaldson, em quem sua filha estivera encarnada em sua existência anterior, e que, segundo a filha afirmou em estado de transe hipnótico, morrera numa batalha contra os nortistas em 1862, ao ser atingido por uma bala no olho.

Durante seu estado hipnótico, Patricia falou com sotaque sulista e disse que Donaldson servira como sargento da segunda divisão de artilharia do exército da Confederação.

Kord afirmou que nos arquívos da bibliotéca de Shreveport descobriu que certo Gene Donaldson servira no exército confederado, na guarda paroquial de Saint Mary.

Durante o sono hipnótico, a menina afirmou que Gene Donaldson morreu na mesma noite, em que fôra ferido à bala. Acrescentou que depois de «morto» procurou comunicar-se com sua mãe, mas esta não poude ouví-lo.

Patricia Jeanne fôra posta em transe hipnótico por seu tio, e durante a sessão foi posto em funcionamento um gravador, que registrou tôdas as afirmações da menina.

---

**Em todos os vossos atos e decisões, lembrai-vos da humildade e da paciência, que representam uma espada de dois gumes com a qual vencereis as mais renhidas lutas. — L. B.**

# Conclusões e Recomendações do Congresso de Jornalistas

*Encerrou-se com êxito e brilhantismo o grande encontro intelectual espírita — Conclusões doutrinárias e recomendações práticas — Belo Horizonte escolhida para séde do III Congresso*

Jornalistas e escritores espíritas de vários estados, representando todo o país, estiveram reunidos nesta capital, de 18 a 23 de abril p.p., para o debate de temas referentes ao movimento espírita e a problemas de divulgação doutrinária. Houve quatro solenidades públicas: a de instalação do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, uma de conferências doutrinárias, outra de homenagem à data nacional de 21 de abril, e a de encerramento. Os trabalhos do congresso foram presididos pelos confrades Lauro Schleder, de «Mundo Espírita», de Curitiba; Carlos Imbassahy, escritor espírita de Niterói, e Antonio Pereira Guedes, de «Almenara» do Rio.

Na sessão de encerramento do congresso, que se realizou na noite de 23, no auditório do Círculo Esotérico foram lidas pelo secretário geral, sr. Euripedes de Castro, as conclusões e recomendações finais, que passamos a reproduzir:

«CONCLUSÕES: A palavra Espiritismo designa uma doutrina perfeitamente estruturada nas obras da Codificação de Allan Kardec, tendo por base o «Livro dos Espíritos», cujos princípios fundamentais se desenvolvem nas subsequentes.

O desenvolvimento do Espiritismo, no plano do seu enriquecimento doutrinário, não representa, nem pode representar uma superação da Codificação de Allan Kardec, mas apenas um desenvolvimento cultural e espiritual dos princípios daquela codificação.

O Espiritismo constitui uma síntese do conhecimento, representando uma base ideológica para o nosso século, sôbre a qual deverá desenvolver-se a civilização do futuro.

Qualquer confusão entre o Espiritismo e formas primitivas de manifestações mediúnicas, manifestações de sincretismo religioso, ou formulações doutrinárias pessoais ou de grupos, não passa de incompreensão da Doutrina Espírita, não podendo essas formas serem a ela incorporadas.

O desenvolvimento das ciências em nossa época, longe de contrariar, vem confirmando os princípios básicos do Espiritismo.

Deve existir, por parte dos Espíritas, o maior respeito pelas manifestações religiosas ou concepções espirituais, como formas diversas do processo de evolução humanas, mas sem qualquer confusão entre elas e o Espiritismo, cujos princípios devem ser resguardados como a mais alta conquista do homem no plano do conhecimento».

RECOMENDAÇÕES — «O Congresso recomenda: aos espíritas, e, em particular, aos advogados e juristas espíritas, o estudo do livre exercício da mediunidade curadora, promovendo um movimento junto ao Congresso Nacional, no sentido da modificação de artigos do Código Penal que restringe a liberdade de culto:

— solidariedade da imprensa e rádio na difusão do Esperanto;

— o maior cuidado na publicação de trabalhos espíritas, na elaboração de programas radiofônicos e outros, no intuito de se evitarem incoveniências e deturpações da Doutrina Espírita;

— desaconselhar-se a publicação, na imprensa espírita, de matérias referentes a outras correntes ou movimentos que, enganosamente, se aproximam do Espiritismo, mas a êle não pertencem;

— livre debate das idéias que interessam ao progresso espiritual do homem;

— a criação de serviços de imprensa espírita, com a função de manter colabores permanentes nos diversos orgãos doutrinários;

— incremento da literatura espírita infantil, tendo-se em vista a satisfação da fantasia, o hábito da leitura e a forma de ministrar o ensino da Doutrina Espírita, inclusive por histórias em quadrinhos, para contrabalançar a influência perniciosa das más publicações existentes;

— às instituições doutrinárias, representativas do movimento espírita nos Estados, uma articulação no sentido de organizar-se a Fundação do Livro Espírita ;

— a organização, pelas instituições espíritas, sobretudo as de jornalistas, escritores e intelectuais, pelos jornais e programas de rádio e televisão, de boletins de crítica litero-doutrinária, para exame constante, objetivo e independente, da matéria divulgada».

As recomendações do Congresso ainda não estão completas, cabendo à Comissão Permanente, eleita na última reunião plenária, completá-las para os anais, depois do atento exame de tôdas as moções e preposições aprovadas no correr dos debates. Essas, entretanto são as principais, e bastam para dar aos leitores uma idéia de amplitude dos assuntos discutidos e da eficiência do II Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas.

Por determinação do plenário, o III Congresso será realizado em Belo Horizonte, no ano de 1961, ou seja, daqui a três anos. A delegação mineira sugeriu, entretanto, que a sua realização possa ser abreviada para 1960, caso as conveniências e possibilidades o recomendem, o que foi aprovado. Os demais congressos se realizarão em outras capitais do país, de dois em dois ou três em três anos, conforme o que ficar estabelecido em Belo Horizonte.

*Irmão Saulo.*

# ESPIRITISMO NO BRASIL

## Conselho Federativo Nacional

*Órgão da Federação Espírita Brasileira*

### Súmula da Ata da reunião ordinária realizada em 3 de Maio de 1958

Feita a prece inicial, o Presidente declara abertos os trabalhos e empossa o novo representante da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro e o da União Espírita Paraense, respectivamente, Ten. Cel. Levi Lara e Prof. Ramiro Souza Gama, saudando-os em nome do Conselho.

*Ata* — É lida e aprovada a ata da reunião anterior.

*Expediente* — As Federações Espíritas dos Estados do Ceará, do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul comunicaram a eleição dos seus novos diretores.

*Rio Grande do Sul* — A Federação Espírita do Rio Grande do Sul comunica a realização, em Janeiro de 1959, naquele Estado, de um «Seminário de Orientadores de Evangelização da Infância e Juventude», movimento estadual em que não haverá conclusões nem recomendações, mas que oferecerá oportunidade para amplos debates, visando a maiores esclarecimentos sôbre o assunto.

*S. Paulo* — O Conselheiro Carlos Jordão da Silva informa que o Presidente da USE comparecerá à próxima reunião extraordinária do Conselho, prevista para o 2.° semestre do corrente ano.

*Pará* — O Conselheiro Ramiro Gama, agradecendo a escolha do seu nome para representar a União Espírita Paraense, diz que tudo fará para honrar a sua investidura no cargo.

*Goiás* — O Conselheiro Almerindo de Castro relata atividades da Federação Goiana, citando a Creche Goiana, o Albergue Noturno André Luiz, o Lar Espírita Francisca de Lima, com uma área de dez mil metros quadrados, e o Sanatório Batuira.

*Rio de Janeiro* — O Conselheiro Ten. Cel. Levi Lara, após manifestar sua agradável satisfação por participar do Conselho, faz amplo e minucioso relatório das atividades da Federação Fluminense em todo o Estado, nos méses de Março e Abril últimos.

Ás dezesseis horas, proferida a prece final, pelo representante da Federação Gaúcha, encerra o Presidente a reunião.

## Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Instruções Psicofônicas
Cartas de uma morta
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Contos e Apólogos
Paulo e Estevão
Falando à Terra
Pontos e Contos
Gotas de Luz
O Consolador
Fonte Viva
Ave Cristo
Pão Nosso
Pai Nosso
Emanuel
Voltei
Nosso Lar
Libertação
Volta Bocage
Os Mensageiros
50 Anos Depois
Novas Mensagens
No Mundo Maior
Há Dois Mil Anos
Missionários da Luz
Palavras de Emmanuel
Vozes do Grande Além
Entre a Terra e o Céu
Obreiros da Vida Eterna
Crônicas de Além-Túmulo
Caminho, Verdade e Vida
Nos Domínios da Mediunidade

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE À VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

**Usamos o Serviço Postal de Reembolso.**

# OBRAS RECOMENDÁVEIS

## Assuntos Evangélicos

Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na seára do Mestre
Em torno do Mestre
Na Escola do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

## Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genese
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

## Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
A Grande Esperança
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Evolução
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
A Loucura sob um novo prisma
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencarnação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

## Romances:

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Canção do Destino
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Alguem chorou por mim
Mireta
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
A Sonâmbula
O Chanceler de Ferro
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Reis, Príncipes e Imperadores
Cruzada Redentora — 3 vols.

## Infantís:

Conselhos ao meu filho (contos)
A Historia de Paulinho
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Os meus deveres
História de Catarina
Escuta meu filho (contos)
Histórias que Jesus contou
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

# Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPIRITAS

*Diretor: A. Watson Campêlo* — *Redator: Italo Ferreira*

## Redação e Administração

**MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL**

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

## PREÇOS DE ASSINATURAS

| | | | |
|---|---|---|---|
| Ano | — | Assinatura simples | Cr.$ 90,00 |
| Semestre | — | ,, ,, | 50,00 |
| Ano | — | Assinatura registrada | 150,00 |
| Semestre | — | ,, ,, | 75,00 |

**NUMERO AVULSO CR. $ 8,50**

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

**A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira**

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**